

Canja!

Quinzenal de Música

Ano 1/nº 19

1981

13 a 26 de março

Cr\$ 50,00

Caderno
especial
Queen

Queen,
explosão
do
rock
no
Brasil

Os 120 lps vão
para um sortudo
do Rio

Fala Arrigo.
A 2.a parte
do papo.

Queen

PROCURE



ITAMAR ASSUMPÇÃO

(meu nome é: Benedito João dos Santos Silva Bebeléu, vulgo
NEGO DITO, NEGO DITO cascável)

"Saiu o Lp de Itamar Assumpção, um músico altamente criativo..."

O que oferece é superior a tudo que os outros compositores estão oferecendo neste começo de 1981.

Itamar Assumpção é autor e intérprete da incrível NEGO DITO um reggae fortíssimo..."

(Wladimir Soares
J. da Tarde)

"Em S. Paulo, essa surpreendente usina de novidades, também um afluente afro, Itamar Assumpção aparece com farto elogio da crítica."

(Tarik de Souza
J. do Brasil)

"É de alta criatividade musical e um importante lançamento, mostrando um caminho para os anos 80."

(Dirceu Soares
F. de S. Paulo)

"Considerar seu disco apenas como instigante será faltar à justiça para com a primeira proposta realmente criativa que este ano de 1981 proporciona."

(Eduardo Martins
O Estado de São Paulo)

E BANDO ISCA DE POLÍCIA



R. Teodoro
Sampaio, 1.091
Fone 883-3088

crocioteia

Quinzenal de Música

Canja.

O sortudo que ganhou os 120 lps
e o placar dos Melhores do Ano

5

Uma nova coluna que estréia:
Grave & Spiccato, por Annita Salles.

7

No Fogo Paulista todas as
informações sobre o show do Queen

8

Um Caderno Especial.
Tudo sobre o Queen.

9

A continuação do longo papo
com Arrigo Barnabé.

14

Ano 1/nº 19

1981

13 a 26 de março

Cr\$ 50,00

não temos críticos



João Bosco, com o Canja,
fez até pose.

CAPA: foto de arquivo.

Moçada: taí o Canja.
Com sua primeira capa
internacional, o
Queen, que vem
inaugurar o rock
brabo no Brasil. E tem
ainda o fim da
entrevista com Arrigo
Barnabé.
Nós amamos o Canja.

Errata

Na edição passada, a do Arrigo Barnabé, na capa, cometemos uma falha: a matéria com o Oswaldinho saiu sem crédito. Foi uma entrevista transada com amor e sangue pelo parceiro Julinho Calasso. Sorry.

Expediente

Reportagem: José Américo Dias, Bell Kranz, Fernanda Teixeira, Sérgio Pinto de Almeida, Paulo Ricardo Medeiros, Armando Aflalo, Kid Vinil, André Barbosa Filho, Eduardo Araia, Paulo Sérgio Meyer, Sérgio Carmi, Luiz Henrique Romagnoli, Annita Salles, Eduardo Bahia. **Arte:** Orlando de Jesus, João Bahia. **Revisão:** George Alonso de Magalhães. **Fotografia:** Flávio Galéria. **Rio de Janeiro/Coordenador:** Palmério Dória. **Reportagem:** Ricardo Gontijo, Silvio Júlio, Carlos Jurandir, Cecília Morei-

ra. **Fotografia:** Walter Firmo, Sérgio Sbragia. **Correspondentes:** Vander de Castro (N.York), Ki-ko Mangione (Londres), Malu Moraes (Milão), Vander Prata (Salvador), Roberto Drummond (B. Horizonte), Eduardo Coelho (Curitiba). **Colaboradores:** Nelson Motta, João Máximo, Álvaro Freitas, Ricardo Porto de Almeida, Phill Harbor, Paulinho de Tarso, Ricardo Mesquita, Luiz Carlos Guerrero, Dácio Nitrini. **Ilustração:** Rogério. **Departamento Comercial:** José Maria B. Neves, Sônia Abreu, Quelita Moreno, Eide Guimarães Vieira. **Promoção:** Julinho

Calasso. **Circulação:** José Luiz Durão. **Administração:** Nelson D'Agostino, Cassiano Guitton. **Editor Responsável:** José Américo Dias. **Equipe de Criação:** Sérgio de Souza, José Trajano, Paulo Orlando Lafer de Jesus (Polé). **Composição e Impressão:** Empresa Jornalística Comércio & Indústria S.A. - Rua Dr. Almeida Lima, 1.384, fone 292-7222/SP. **Distribuição:** S.A. O Estado de S. Paulo. **CANJA** é uma publicação da Editora Branco e Preto Ltda., Al. Franca, 241, CEP 01422, fone 287-9420/São Paulo.

Boas Vibrações

Recebi com alegria a volta do Canja às bancas do Rio, pois este é o único veículo de informação que a gente que curte música tem. A distribuição é que não é muito legal, pois não é muito fácil encontrá-lo. Gostaria de sugerir uma coluna com notícias sobre o que o pessoal de música, daqui e de fora do Brasil, está transando. E que continuassem as reportagens sobre rock (que tal uma com o Bowie), muita new wave, mostrando as novas bandas que estão rolando. Sem abandonar a mpb (cadê a Gal?), gostaria também de saber notícias do Made in Brasil, Tutti Frutti (você podem transar uma matéria com eles no Paulicéia Desvairada), Lucinha Turnbull, Eduardo Dusek, As Frenéticas, Ney, Blondie, The Police, Pepeu, Stones e vou parar por aqui senão... No mais, espero que vocês continuem com força total, e que o Canja possa crescer cada vez mais. Boas Vibrações,

Andréa Alves
Rio de Janeiro/RJ

Olha essa:
fã clube do
David Bowie

Tendo acompanhado o desenvolvimento de seu jornal desde a época de seu lançamento, e considerando o nosso mais rico expoente de divulgação musical e artística, venho fazer um pedido de grande importância, tanto para mim e meus amigos, como para muitos de seus leitores, apreciadores da boa música estrangeira pouco divulgada no Brasil. Seria realmente uma imensa ajuda de sua parte, se na seção de cartas publicassem o anúncio de nosso projeto: "Acabamos de fundar o primeiro fã clube brasileiro de um dos mais incríveis astros do rock de todos os tempos: David Bowie. Entre outros projetos, estão concursos musicais e literários, festas e reu-

niões, sorteios, correspondência com jovens de todo o País, além de total acompanhamento das atividades de David Bowie. Gostaríamos que todos os seus admiradores nos escrevessem para receberem, sem compromisso, todas as informações sobre os nossos planos e atividades. O endereço é: DAVID BOWIE RIO DE JANEIRO FAN CLUB, Caixa Postal 43057, CEP 22051/RJ." Por várias vezes pudemos constatar em seu jornal cartas de "Bowie-maniacos", e matérias esplêndidas sobre o David e rock em geral. Por isso, temos certeza de nosso sucesso após a publicação do nosso anúncio no Canja. Contamos com a ajuda de vocês, nosso único elo de importância com a música e seus expoentes internacionais. Muito obrigado por sua atenção,

Fábio de Mello/presidente
Rio de Janeiro/RJ

Kiss Kiss Kiss Kiss

Escrevi para o Canja, pois não aguentava mais ver o meu grupo de rock preferido, o KISS, ser taxado de ter-se aburguesado, isto é, ter-se juntado ao estilo de música-balanço, o que para mim é uma verdadeira ECA VOMITOSA. É verdade que em 1979 o Kiss lançou um disco com várias canções no estilo balanço, mas isso, para quem não sabe, foi graças à interferência de terceiros. Só foi. Acabou! Agora o Kiss está dando a volta por cima (quem duvidar é só ouvir o disco Unmasked, o mais recente lp do grupo) e além disso o incrível batera Peter Criss resolveu sair do quarteto, optando pela carreira musical solo. Mas nem isso conseguiu abalar o grupo, pois no ato pintou outro baterista que fez a cabeça da roquerada americana, dando inclusive um novo pique ao Kiss. O nome do baterista para quem não sabe é Eric Carr. E para os caras que ainda

pensam que o Kiss se aburguesou só me resta rir, esperar o novo disco do Kiss e dizer: "longa vida ao Kiss e aos Kissers também."

Percival Fusco Jatobá
São Paulo/SP

Nós também achamos

Gostaria de saber se vocês podem entrevistar ou falar alguma coisa sobre a grande Flora Purim. Ela é muito.

Gilberto Tertuliano
São Paulo/SP

Erros di revizão

É tomado de verdadeiro horror que acabo de ler o Canja 17. O meu espanto não se prende tanto ao conteúdo dos assuntos tratados no Jornal (?). A minha indignação está na forma de apresentação dos mesmos. Eu explico: sendo o Português o idioma oficial deste País, até prova em contrário, fica obrigatória a preservação de, pelo menos, coerência na parte escrita do mesmo. "... e curtiu numa boa as fãs recente que foram...", "...expulsou da prais, centenas de jovens ainda perambulavam...", "...como jovens praticavam desconhecido do grande público..." (Esta do Secretário da CULTURA do Estado de São Paulo. Pasmem!). "... de Verão no desempenho...". "Ninguém acredita que tal volume de aparelhagem" (?). Outras preciosidades do Canja: Welcome back, may (?) friend, to the show...; piotécnica, entenda-se pirotécnica; estreiaou, entenda-se estreou; qhe, entenda-se que; depremeente, entenda-se deprimente; insitem, entenda-se insistem; pupular, entenda-se popular. Ufa! Apenas para terminar, Sérgio Abreu é um dos maiores violinistas do mundo (vocês sabiam disso?). Senhores, continuem com o bom trabalho sobre música, mas, por favor, me permitam entender os textos.

Fábio Mattos Agra
Rio de Janeiro/RJ

Nós também não sabemos

Pô! Não consigo mais encontrar o jornal por aqui, no Rio. O que

aconteceu? Gente... preciso saber algo. O jornal acabou? Não encontro em nenhum lugar. Mandem, se puderem, resposta por carta (mando o selo para a resposta). Quero saber como faço a assinatura. Pô, é o único jeito de receber quinzenalmente o Canja. Espero resposta. Breve.

Sidney I. Bittencourt
Engenho de Dentro/RJ

NR: Nesta edição você já pode assinar o Canja.

Mais uma.
Mais uma.

Sou uma recente leitora do Canja e achei muito interessante o texto do Roberto Drummond no Canja 16. Essa é a primeira vez que escrevo para um jornal, porque os outros jornais não me interessam muito. Queria aproveitar para pedir que publicassem uma reportagem com a Ângela Ro Ro, sobre seu trabalho e as pessoas que a ajudam na sua carreira. Caso não possa ser com a Ro Ro, me contento com a Simone. Gostaria de saber o que quer dizer outros na votação. Muito obrigada!

Carla Sem Sobrenome
São Paulo/SP

NR: A Ro Ro foi nossa capa no nº 6 e a Simone no 7.



Preenchendo o cupom abaixo você vai eleger seus músicos brasileiros favoritos e vai concorrer a uma verdadeira discoteca: 120 lps de uma só vez, e todo mês.
Basta preencher o cupom, recortar e enviar para CANJA, Os Melhores Brasileiros do Ano. Alameda Franca, 241 CEP 01422, São Paulo/SP

Nome
endereço
idade cidade
profissão
estudante? colegial superior
supletivo vestibular
possui automóvel? moto?
equipamento de som?
pratica esportes? surf windsurf roller
skate asa delta paraquedismo
bicicleta tênis natação volei
atletismo voo à vela alpinismo
iatismo outros
ouve rádio FM? Qual(is) horário(s)?
cite 3 emissoras:
frequenta shows musicais?
pubs (barzinhos)?
marque com um x as respostas afirmativas.

Piano
Teclados
Baixo Acústico
Baixo Elétrico
Bateria
Percussão
Sax
Piston
Trombone
Flauta
Violão
Guitarra
Acordeão
Conj. Vocal
Conj. Instrumental
Cantor
Cantora
Autor de Música
Autor da Letra

Atenção: 4 - Vale votar em brasileiros que estejam trabalhando no Exterior. 5 - A cada mês é sorteado um cupom, que dá ao leitor premiado os 120 lps, a serem retirados na redação do Canja. 6 - Na primeira edição de cada mês publicamos o placar e na segunda o nome do leitor sorteado. 7 - A votação vai até a última edição do ano, e em janeiro serão aclamados Os Melhores Brasileiros de 1981, na opinião dos leitores do Canja.

O primeiro sortudo do ano mamou 120 lps de uma só vez



Arrigo Barnabé jogou para o ar os cupons do concurso e sorteou um carioca. É Paulo Roberto da Rocha Freire, que mora na Rua Taquaruçu n.º 155, em Ricardo de Albuquerque/RJ. O garotão precisa entrar em contato com o Canja (011) 287-9420 para transar a entrega dos 120 Lps.

Placar parcial dos melhores brasileiros do ano/81

PIANO

1º Egberto Gismonti... 36 votos
2º Wagner Tiso... 13 votos
3º Artur M. Lima... 09 votos

TECLADOS

1º Wagner Tiso... 31 votos
2º Mu... 17 votos
3º Flávio Venturini... 15 votos

BAIXO ACÚSTICO

1º Novelli... 33 votos
2º Dadi... 12 votos
3º Luís Alves... 07 votos

BAIXO ELÉTRICO

1º Dadi... 28 votos
2º Novelli... 18 votos
3º Sérgio Magrão... 16 votos

BATERIA

1º Chico Batera... 44 votos
2º Gustavo... 14 votos
3º Roberto Silva... 11 votos

PERCUSSÃO

1º Naná Vasconcelos... 48 votos
2º Ary Dias... 11 votos
3º Papete... 06 votos

SAX

1º Paulo Moura... 20 votos
2º Nivaldo Ornellas... 16 votos
3º Hermeto Paschoal... 12 votos

PISTON

1º Márcio Montarroyos... 24 votos
2º Paulo Moura... 23 votos
3º Victor Assis Brasil... 08 votos

TROMBONE

1º Raul de Souza... 67 votos
2º Édson Maciel... 04 votos
3º Bocato... 02 votos
3º Hermeto Paschoal... 02 votos

FLAUTA

1º Hermeto Paschoal... 52 votos
2º Altamiro Carrilho... 16 votos
3º Zé da Flauta... 06 votos

VIOLÃO

1º Baden Powell... 38 votos
2º Celso Machado... 09 votos
3º João Gilberto... 07 votos

GUITARRA

1º Pepeu... 36 votos
2º Robertinho de Recife... 24 votos
3º Armandinho... 07 votos

ACORDEÃO

1º Oswaldinho... 39 votos
2º Dominginhos... 26 votos
3º Sivuca... 15 votos

CONJUNTO VOCAL

1º Boca Livre... 40 votos
2º MPB 4... 24 votos
3º 14 Bis... 06 votos

CONJUNTO INSTRUMENTAL

1º A Cor do Som... 37 votos
2º 14 Bis... 19 votos
3º Zimbo Trio... 09 votos

CANTOR

1º Milton Nascimento... 42 votos
2º Fagner... 09 votos
3º Caetano Veloso... 08 votos

CANTORA

1º Gal Costa... 14 votos
2º Elis Regina... 13 votos
3º Simone... 12 votos

AUTOR DE MÚSICA

1º Caetano Veloso... 19 votos
2º Milton Nascimento... 15 votos
3º Beto Guedes... 09 votos
3º Gilberto Gil... 09 votos

AUTOR DE LETRA

1º Chico Buarque... 24 votos
2º Caetano Veloso... 20 votos
3º Gonzaguinha... 06 votos

Canja a domicílio

Precinho sopa:
Cr\$ 1.200,00

Promoção. Aproveita que não vai durar muito tempo não.



Flora Purim está com o Canja e abre.

Preencha o cupom, anexe
cada nominal no valor
de Cr\$ 1.200,00 à Editora
Branco e Preto Ltda., e
envie para Canja, Alameda
Franca, 241 - São Paulo -
SP - CEP 01422.

**Assinatura
anual**

Cr\$ 1.200,

Peço que enviem o Canja, quinzenalmente, durante 12 meses, para:

Nome

Endereço

CEP Bairro

Cidade Est. Fone

Quinzenal de Música

Canja.

13 a 26 de março

Guia de São Paulo e Rio.
Restaurantes, bares,
boates, hotéis,
compras.

Classificado ilustrado

BARATOS AFINS

Se você está a fim
de um disco antigo fora
do catálogo, nacional
ou importado,
consulte nossos
preços.

COMPRAMOS

LPs usados

TROCAMOS

discos usados
por novos

VENDEMOS

discos em
catálogos
pelo melhor
preço da praça

BARATOS AFINS LTDA.

Avenida São João, 439
2º andar — Loja 347
Telefone 223-7771
(Entrada também pela
rua 24 de Maio, 62)
CEP 01041

A OCULISTA



As últimas novidades da técnica
moderna estão ao seu dispor na
seção de lentes de contacto.
Testes gratuitos e sem
compromisso.

Lentes gelatinosas em:
5 pagamentos de Cr\$ 1.700,00
SEM JUROS OU ACRÉSCIMOS

São Paulo: Rua Voluntários da Pátria, 2424 - tel.: 299.1445
ABC: Center Shop São Bernardo - tel.: 458.5573

Solução Propaganda



"Agora com almoço executivo das
11 horas ao último cliente."

RUA DOS INGLESES, 355
BELA VISTA
S. PAULO

MASSA PURA padaria integral

RUA FRANCISCO LEITÃO, 162
fone 8831879 cep 05414
SÃO PAULO

CGC 43769223/0001-20
IND. BRASILEIRA
15% de desconto na apresentação deste

PRA VOCÊ CURTIR

Sangue de Coca-Cola
de Roberto Drummond
3ª edição em apenas 4 meses.
Um livro-retrato do Brasil de hoje.

Nas livrarias ou pelo Reembolso Postal:
RUA BARÃO DE IGUAPE, 110 — 01507
SÃO PAULO — CAIXA POSTAL 8656

editora ática

concurso

★ O Canja ★
★ está com o ★
★ QUEEN ★

QUEEN

Canja o jornal que não é sopa.
Em todas as bancas do Brasil.
Está com a música e não abre.



Cursinho CPFAP

Já que o vestibular é inevitável, relaxe e goze.
Cursinho CPFAP.

São quase 100 toneladas de som e luz.
Um show inesquecível. E por causa do
Queen, o Cursinho CPFAP, a Odeon e o
Canja se reuniram numa promoção que
durou 40 dias para premiar a melhor
biografia do conjunto inglês que vem ao
Brasil inaugurar o rock brabo do lado de
baixo do Equador.
Renato A. de Carvalho faturou os
prêmios: a coleção completa dos lps do
Queen — são nove —, dois ingressos
para assistir ao show no Morumbi e uma
bolsa de estudos no CPFAP. Na página
13 você vai ler a biografia do Queen feita
pelo Renato.

★ Aguará ★
★ QUEEN ★

CPFAP
Rua Alagoas, 903 Fone 826.4233/Pacaembu
(no prédio da FAAP)
Praça da Luz, 2 fone 228.8762
(no prédio da Fac. Belas Artes)

Metrô Estação da Luz

Quinzenal de Música

Canja.

13 a 26 de março

Dois agás para o Músico

Você não é um indivíduo na terra, mas sim uma molécula do grande todo. Você foi colocado neste mundo para desempenhar um papel na Harmonia desse grande todo. Você é apenas um instrumento que deverá tocar a sua parte no Concerto Universal, numa disposição bem ordenada entre as partes de um todo. Você pode não compreender os fenômenos cósmicos nem a radioatividade dos homens, mas, se os homens sofrem a privação das desditas é porque se descuidam de manter dentro do ritmo os dois apás, a Harmonia e a Humildade. Espaço em espaço, vivemos em nosso próprio meio, regulando nossos reflexos, nossos instintos, que refletem sobre o funcionamento fisiológico e psíquico da nossa máquina espiritual ou corpórea. Os povos que combatem, não sabem harmonizar suas condutas, esquecem que o segredo da harmonia é não exceder-nos a nós mesmos. Comece observando a sua própria voz. O som da sua voz, é como a boa música, exerce atração sobre os seres humanos, é como um instrumento musical. Existem vozes estridentes, veladas, trêmulas, fanhosas, ásperas, desafiadas. O oposto seria: serenas, expressivas, de força e justiça, de afeição, de ternura, de equilíbrio mental e moral. Preste atenção em sua voz quando você está em harmonia, sua vida se transforma em obra de Arte. Com harmonia e a própria radioatividade do corpo humano transmitimos ao nosso semelhante o EQUILÍBRIO desejado. Se você é um MÚSICO e não possui um coração cibernético, pense nisso...

Vox Humana

Dr. Antônio Henrique da Cunha Bueno, DD. Secretário de Estado da Cultura de São Paulo,

Grave & Spiccato

por Annita Salles

(Tempo de música, literatura através dos séculos, criatividade atual, ecos, repetições, técnica instrumental, performance, ciência musical.

em seus dois anos de atividades, vem com sucesso desenvolvendo trabalho dinâmico em todos os setores da arte, incrementando exposições, festivais de inverno e verão, movimento coral, orquestra jovem, teatro e concurso, PARABÊNS. **Participe do VI Concurso Nacional de Órgão Clássico e Popular**, patrocínio de Órgãos Spark, informações pelo telefone 549-6899, em São Paulo. **Yolanda da Costa Serena**, organista, reinicia suas atividades na Faculdade Marcelo Tupinambá. Foram encontradas, recentemente, duas partituras inéditas de Carlos Gomes. A primeira é o tema "Inocência", do qual ele fez duas variações: a primeira "Ouro sobre Azul" é a segunda "Tronco do Ipê". A segunda partitura é "Ária", escrita originalmente para clarineta em mi e piano, dedicada a Henrique Luiz Levy. **Ultrapassando fronteiras interestaduais** com sua orquestra ao vivo em Caxias do Sul, o maestro Zácara, pioneiro com muito talento e iniciativa própria, dá forças aos músicos e instrumentistas brasileiros. (correspondência: Annita Salles, Canja - Alameda Franca, 241, 01422/SP)

GLOSSÁRIO TECNOLÓGICO E BIOGRÁFICO MUSICAL

A - Abaco, Evaristo Félix dall (Verona, 1675 - Munique, 1742) Compositor, um dos melhores autores de música de câmara. Sua Sonata n° 6 para dois violinos, violoncelo e baixo contínuo é talvez a primeira sonata escrita com dois temas.

Abbado, Miguel Angel (Alba, 1900). Violinista, concertista, autor de um tratado sobre a técnica dos sons harmônicos. Ensina no Conservatório de Milão.

Abbatini, Antônio Maria (Cittá di Castello 1597 - Cittá di Castello 1680) Compositor, um dos mestres da escola polifônica romana; Junto com Marcos Marazzoli escreveu a Ópera Do Mal ao Bem, representada em 1653, libreto do cardeal Júlio Rospigliosi, que logo foi Papa Clemente IX.

Abbiati, Francisco (Verdello, 1898. Compositor e musicógrafo; autor de História da música (5 tomos), publicada durante os anos 1939-1946.

(Este Glossário, inédito no Brasil, está no prelo em gráficas européias. O Canja vai continuar publicando-o. Acompanhe que você terá uma obra inédita).

Nossa Cultura

Baião: dança popular muito acatada durante o século XIX no Nordeste do Brasil. A partir de 1946, o sanfoneiro pernambucano Luiz Gonzaga divulgou nas rádios do Rio de Janeiro o baião, modificando-o com a inconsciente influência local dos sambas e das congas cubanas. O baião conserva células rítmicas e melódicas visíveis dos cocos, a rítmica (de percussão) com a unidade de compasso exclusivamente par. **Características**: escala de dó a dó, a) todos os graus naturais; b) com o sétimo grau abaixado (sib); c) com o quarto grau aumentado; (F); d) com qualquer

mistura de dois dos modos anteriores, ou mesmo dos três; e) algumas vezes em modo menor clássico europeu; f) raramente, no modo menor, com o sexto grau abaixo. Baião ou Rojão (de viola) é um pequeno trecho executado depois de cada cantador (no desafio) cantar. Na cantoria do desafio clássico não havia acompanhamento musical, o trecho entre a resposta de cada adversário dizia-se "rojão" ou "baião". Hoje o baião já se apresenta orquestrado.

(Esta seção contará a história de todos os estilos musicais encontrados no Brasil).

Perfil

A música de órgão, desde 1750 até hoje, perdeu a preponderância da sua posição depois da morte de J.S. Bach. Alguns dos seus discípulos cultivaram as formas antigas

durante certo tempo, mas sem que isso representasse progresso. Também mestres da Alemanha do Sul, como Gottlieb e Muffat, não tiveram continuadores. Alguns compositores do séc. XIX compuseram para órgão, Mendelssohn e Schumann, até que Frans Liszt operou uma renovação que despertou novo interesse para a música de órgão. Brahms aproximou-se mais do modelo bachiano, sendo que os compositores franceses, como Félix Alexandre Guilmant (Sonata) e César Franck, que foi seguramente o mais importante compositor para órgão do séc. XIX. De Liszt descendem também Charles-Marie Widor e Camille Saint-Saens. Max Reger deu novo impulso à música de órgão, mantendo nas suas fantasias-corais a presença do pensamento de Bach através de uma escrita harmônica caracteristicamente moderna. Uma música autônoma de órgão, na sua maioria profana, surgiu fora das fronteiras da Alemanha e da França. Na Itália, Marco Enrico Bossi, mas a jovem escola de órgão russa foi a única que adquiriu importância, como Alexander Glazunov. Kaminski, Schonberg, Krenek e Hindemith seguiram orientação brahmiana e regeriana. Na literatura francesa Charles

Tournemire, digno sucessor de Guilmant e de Widor, que como eles pretendeu fundir a música sinfônica moderna com a música de órgão. Por fim Olivier Messiaen ultrapassou os precedentes com as suas peças místico-programáticas como, por exemplo, "Les Corps Glorieux" etc. A literatura organística é imensa e mais adiante falaremos também dos grandes mestres. O estudo de órgão se baseia: a) flexibilidade de pulso e tornozelo; b) ritmo vigoroso, base necessária a um toque vivo; c) legato impecável, claro e sem secura; d) movimentos firmes para a movimentação dos registros; e) economia de articulação, sem ataques livres, usando sempre uma "técnica dirigida", com movimentos baixos ascendentes e movimentos largos descendentes; f) equilíbrio, flexibilidade e controle das numerosas manobras necessárias à execução do instrumento.

A própria música organística oferece rara sobriedade no fraseado e, no plano arquitetural, a técnica deve ser respeitosa. O órgão é um instrumento autônomo, solista independente e completo, pode ser, em vários casos, usado na orquestra para efeitos especiais ou como solista acompanhado pela orquestra.



Marcel Dupré, nascido em Rouen em 13 de maio de 1886. Faleceu na França em 1971.

“A técnica só é realmente grande quando absolutamente pura e escrupulosamente respeitadora.” (Marcel Dupré)

13 a 26 de março

Quinzenal de Música

Canja.

por Luiz Henrique Romagnoli

Fogo Paulista

Dicas da noite paulistana.

A maior dica da noite paulistana será, claro, o Queen. Os dois concertos do Queen, dias 20 e 21, prometem ser acontecimentos inesquecíveis e quem perder é mulher de padre. Se você está a fim de ir, acompanhe este roteiro, com as principais dicas para o melhor fruir do show do infernal quarteto inglês.

PASSINHO À FRENTE, FAÇAVOR

Você já é o feliz proprietário de um ingresso para o Queen? Parabéns. Agora é só ir ao Morumbi. Não duvide que muita gente montará acampamento na porta do estádio com dias de antecedência. É claro que é um exagero. Depois do almoço é uma boa hora para ir. Pegue um rango e lá pelas duas da tarde faça seu caminho para o

Morumbi. Até lá o trânsito já deverá estar meio confuso, mas algum torcedor fanático dos clássicos do Morumbi poderá dar uma ajuda nos atalhos e caminhos diferentes. É bom sempre ter um amigo destes à mão. Isso para o caso de você estar de carro. Senão, uma opção é a linha de ônibus que estará saindo do Anhangabaú de 15 em 15 minutos. A tarifa será de 30 cruzeiros, mas isso não inclui ar condicionado e serviço de bordo. Dentro do ônibus evite fazer cara de torcedor de futebol e consulte o motorista antes de organizar um coro para "We are the champions".

O BATERISTA NÃO É ALEIJADO

Existem bons lugares para assistir ao concerto

do Queen no Morumbi. Os melhores são as cadeiras inferiores, geralmente ruins para jogos de futebol, mas excelentes para shows. Quem estiver sentado nestas cadeiras verá o Queen no mesmo nível, já que o palco ficará a 2,60 metros de altura do grama. Já quem ficar na pista, sobre o grama sintético que protegerá a grama do Morumbi, deve tomar uma certa distância do palco, para que não veja apenas as cabeças do conjunto. Isto seria uma pena porque o show do Queen é também visual. Quem for atacar de arquibancada, pode ficar ali em cima das cabinas de rádio e TV. É que o palco será montado atrás do gol, e quem for do lado oposto vai ver os membros do quarteto do tamanho de bitucas de cigarro, a não ser que leve um binóculo, o que seria uma boa pedida.

APETRECHOS E EQUIPAMENTOS

Os gravadores, máquinas fotográficas e binóculos foram liberados. Assim você vai poder le-

var sua Nikon e sua teleobjetiva que tanto sucesso fizeram no show da Cor do Som. A entrada de gravadores é permitida, mas dificilmente o resultado será bom, a não ser que você fique ao lado da torre de som, o que é difícil. Almofadas e outros protetores do gênero podem ser levados, mas quem já viu concertos do Queen duvida que alguém consiga ficar sentado.

1, 2, 3, ARGENTINA É FREGUÊS

O show do Queen dura duas horas e tem repertório previsto de 24 músicas, sem contar possíveis improvisos. Você vai ouvir, entre outras: "Bohemian Rhapsody", "Crazy Little Thing Called Love", "Love of My Life", pedaços da trilha de "Flash Gordon", "Another One Bites The Dust", "We Are The Champions", e por aí fora. Para que a glória brasileira não fique empanada, é favor todos cantarem as músicas em coro. Isso porque durante a turnê do Queen pela Argentina, todos os shows foram acompa-

nhados em coro pela galeria local. Os músicos do Queen declararam que jamais viram algo parecido. A coisa na Argentina chegou a tal ponto que até o jogador Maradona subiu ao palco e cantou uma música. Esperemos que o Sócrates seja liberado da concentração para, de viola em punho, dar o troco.

RESSACA DE QUEEN

Agora que você já assistiu ao show, pulou, curtiu, cantou, o que fazer? Ninguém vai voltar para casa e dormir, simplesmente, não é? Vão aqui algumas sugestões para o pós-concerto:

Se você depois do show quer tomar um chope e discutir com sua garota todos os detalhes técnicos da iluminação, duas dicas. Para quem gosta de chope escuro, o Longchamp, que fica na Rua Augusta e tem também alguns sanduíches atraentes e um filé à parmegiana altamente desfrutável. Se você prefere chope claro bem gelado, a choperia Desabafo, na Rua Dona Veridiana quase esquina da Marques

de Itu, perto da Santa Casa.

Para os que querem mais som, o Calabar tem som dos Beatles com o Comitatus, isso na Alameda Itu entre a Nove de Julho e a Pamplona.

Quem quiser agitação pode ir ao Bexiga e escolher entre a cortição coletiva do Bixiguiha, um boteco que serve de apoio logístico ao pessoal que prefere ficar na calçada; ou um chope com paquera no Soçaite. Mas se você quer chorar de emoção pelo show, pode ir ao Persona. Tudo isso naquela esquina entre a Treze de Maio e a Santo Antônio.

EU?

Eu vou estar cobrindo o concerto do Queen para a rádio Cidade FM, que está dando cobertura à excursão dos garotos pelo Brasil com exclusividade. A Jovem Pan 2 deve transmitir o concerto ao vivo, enquanto a TV Bandeirantes estará jogando as imagens do Queen para todo o Brasil menos São Paulo. Depois eu conto o que aconteceu.

camisas
Beauty
Solte o corpo nas camisas Beauty
Seja qual for o seu ritmo, vista uma camisa Beauty. Elas são agitadas como rock pauleira, gostosas como blues, suaves como uma valsa. Vá tocando com Beauty que logo pinta alguém e te canta.

13 a 26 de março

Quinzenal de Música

Canja.



não pode ser vendido separadamente

Canja. Queen

13 a 26 de março

Quinzenal de Música 9 *Canja.*

Cá estão eles. E cá estamos nós. E cada um com os olhos cheios e água na boca. No lado de baixo do Equador, o quinto mercado consumidor de discos e particularmente um dos lugares onde o Queen tem mais admiradores, qualquer visita internacional é bem-vinda. Qualquer supergrupo. E o Queen não é qualquer supergrupo. É por isso que esse estádio está assim lotado. Decisão de campeonato. Uma só torcida. E tantas vozes que ultimamente esse supergrupos não podem deixar de ouvir. Após o Genesis, os Festivais de Jazz, a vinda do Queen inaugura definitivamente os grandes palcos brasileiros. Milhões de watts.

Milhões de dólares. Preparem-se. Fala-se em Supertramp, Van Halen, Paul McCartney. Antes de ir fazendo a cabeça, espere a confirmação. Você que já comprou o ingresso e está certo de seu lugar sob as luzes da rainha, não sabe as voltas que a corte deu. O pessoal ainda tem medo. O show em Porto Alegre foi cancelado. Mas tudo bem. Respire fundo, pire, prepare-se. Olha, deixa eu falar um pouco da história do grupo pra vocês.

As origens do Queen estão num grupo chamado Smile, que contava com Brian May e Roger Taylor. Freddie Mercury juntou-se a eles após a dissolução. Isso foi no verão de 70. Mercury e Taylor

abriram durante um tempo uma vendinha no mercado londrino, na qual trabalharam um ano e meio. John Deacon só entrou para o grupo em fevereiro de 71, conhecendo Brian e Roger na faculdade. Só por curiosidade: Brian May é formado em Física, dava aulas de Ma-

temática e trabalhava num observatório em Tenerife. Ele envergonha-se de não haver terminado o curso de Astronomia. Roger Taylor é formado em Biologia, John Deacon em Eletrônica e Freddie Mercury é exímio dese-

nhista, tendo criado o logotipo do Queen e várias capas de seus discos.

Formado, o grupo resolveu se aperfeiçoar antes de tentar as gravações. Somente em novembro de 72 é que assinaram com a Trident

Studios. O álbum Queen foi lançado em julho de 73. As músicas "Keep Yourself Alive" e "Liar" viam a fazer sucesso mais tarde.

Mas seu primeiro sucesso viria a ser o lp Queen II, excelente, e o hit "Seven Seas of Rhye", de lá extraído. Nesse ano de 74 fizeram sua primeira turnê inglesa e americana, como grupo de apoio do Mott the Hoople. Desde então o Queen nunca mais serviu de grupo de apoio.

O terceiro disco - Sheer Heart Attack, chegou ao primeiro lugar na Inglaterra e chegou nos dez primeiros nos EUA e no Japão. Como vê, o Queen não é aquele tipo de banda que batalhou anos pelo su-

cesso, indo inteligentemente direto a ele. É claro que nada adiantaria não fosse o talento dos quatro, e especialmente a personalidade "entertainer" de Freddie Mercury, seu lado "vaudeville" que viria a emergir brilhante em "A Night at the Opera", o maior sucesso do grupo, contendo hits como "Love of my Life", "You're my Best Friend", "39" e a sensacional "Bohemian Rhapsody", que, juntando partes de ópera, conseguiu um resultado surpreendente e inovador. Essa canção foi escolhida pela indústria fonográfica britânica como a melhor dos últimos 25 anos. Isso refletiu tanto nas vendas como no número de fãs, ambos aumentan-

do consideravelmente. Em agradecimento a esses milhões de fãs, o grupo deu em 76 um enorme concerto gratuito no Hyde Park de Londres para aproximadamente 150.000 pessoas. No fim do ano, o lançamento de A Day at the Races, com o hit "Somebody to Love", que também estourou no Brasil. Em 77, nova turnê pelo mundo e a gravação de "News of the World", que alcançou o primeiro lugar nos EUA, Holanda, Bélgica, França, Israel, Canadá, Irlanda, México e no Brasil. O compacto We are the Champions ficou no primeiro lugar das paradas por mais de três semanas, vendendo mais de dois milhões de cópias.



Em novembro de 78 foi o badalado lançamento do álbum "Jazz". Apesar de musicalmente mais fraco, para esse disco realizou-se uma corrida de bicicletas no estádio de Wembley com dezenas de mulheres nuas no volante. Nesse dia foi feito o poster que seria a grande vedete do disco, promovendo sensacionalmente a canção "Bicycle Race". Bem, de um modo ou de outro, o grupo nunca deixou de estar acontecendo. No início de 79, outra canção desse disco, "Don't Stop me Now", estava nas paradas inglesas.

Esse ano marcou o lançamento do álbum duplo ao vivo Queen Live Killers, estourando tardiamente a canção "Love of my life", em sua versão ao vivo, com Freddie Mercury majestosamente conduzindo o canto do público. Emocionante.

Após uma vitoriosa turnê pelo Japão, onde não iam há três anos, lotando o estádio Budokan, o grupo finda 79 indo ao estúdio para gravar "Crazy Little Thing Called Love". Sucesso estrondoso, nº 1 em vários países, essa canção marca a definição de um novo estilo, menos pomposo e mais despojado, mais rock, uma mudança ini-

ciada no indefinido "Jazz". Estilo mesmo, o grupo sempre teve. Porém o direcionamento musical mudou. "Crazy Little Thing" é bem Elvis. Paralelamente, o grupo inicia um novo circuito de shows, tocando em novos lugares. "Save me" também ocupa posição de destaque nas paradas. Em 80 "The Game", o novo lp, que já saiu no 2º lugar das paradas inglesas, logo tomou o 1º dos Stones. "Another One Bites the Dust" ocupa o 1º lugar dos avulsos.

E com tudo isso o grupo ainda arranhou tempo e inspiração para produzir a trilha sonora do filme "Flash Gordon" de Dino de Laurentiis. Com muita competência. A trilha ficou impecável. E já está nas paradas. Realmente, um supergrupo. Renovando sempre, e com uma forte união que é mantida através da excelente administração de John Deacon, e de pouquíssimos contatos entre si, a não ser para ensaios e shows. O Queen desde o início nunca ameaçou separar-se. Sobre isso diz Freddie Mercury:

"Antigamente pensava, ah, não aguento mais isso! Mas nós nos conhecemos instintivamente agora. Temos problemas de ego, mas não são do tipo que tem um

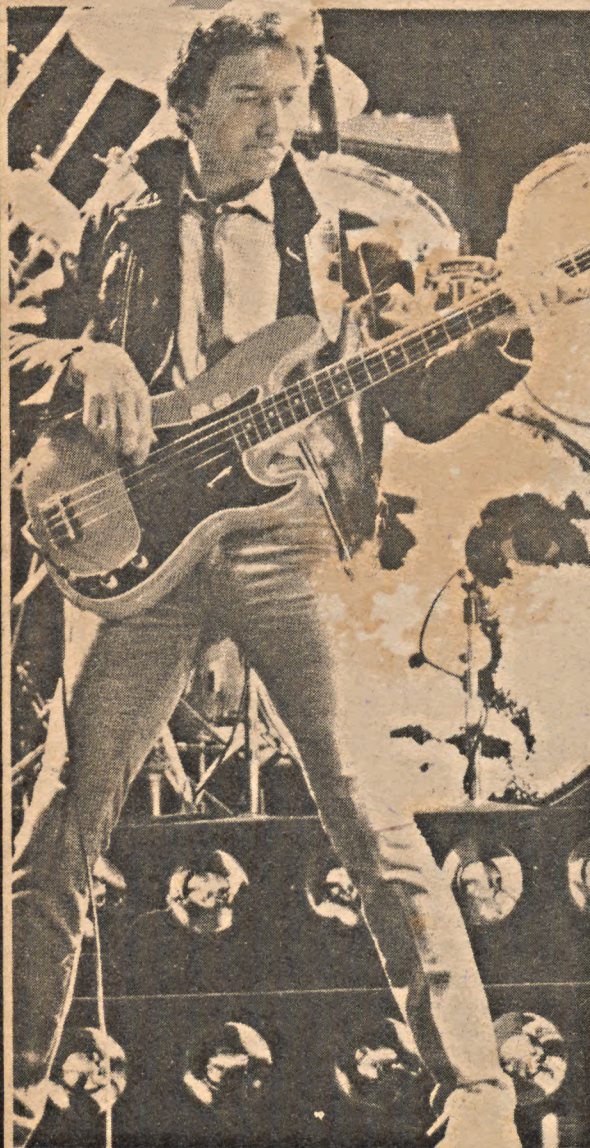
O Queen no Brasil. Seu primeiro show em São Paulo, depois no Rio.

grupo que está começando a subir, onde há várias discussões e inveja. Isso já passou. Somos apenas músicos temperamentais." E mais. "Se alguém deixar o Queen, algum de nós quatro, será o fim do conjunto. Somos quatro partes interligadas. As outras simplesmente não funcionariam da mesma forma se faltasse uma."

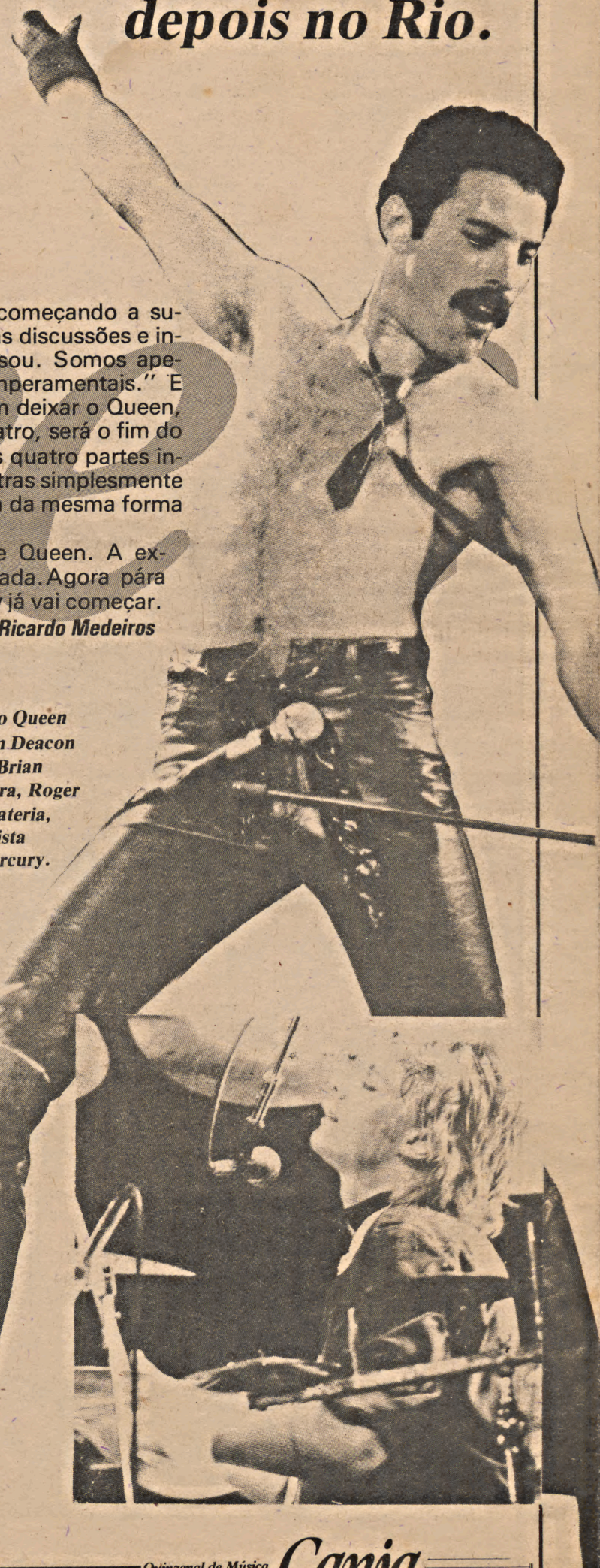
God Save the Queen. A expectativa está criada. Agora pára de ler que o show já vai começar.

Paulo Ricardo Medeiros

O concerto do Queen no Brasil. John Deacon no baixo, Brian May na guitarra, Roger Taylor na bateria, e o vocalista Freddie Mercury.



arquivo



13 a 26 de março

Quinzenal de Música

12 **Canja.**

Com a palavra, o vencedor do concurso da melhor biografia do grupo Queen, Renato Almeida de Carvalho: "Fiquei chapado, foi uma espécie de brincadeira, eu fiz a biografia sem pensar que ia ganhar." Mas aconteceu, e o

bichinho ficou tão emocionado que "quando me ligaram do Canja dando a notícia, precisei mesmo sentar para não desmaiar".

Aos 20 anos de idade, Renato não é nem um fissurado pelo Queen. Apenas, curte o

seu som do mesmo jeito que gosta de Zappa e outros da MPB. O lance todo está em que ele, desde 79, quando se ligou no Queen, guarda todas as matérias referentes ao grupo. E foi com esse material, que Renato, durante o

carnaval, escreveu a biografia.

Mas a maior alegria não foi nem ter ganhado a coleção dos discos do Queen nem as duas entradas para o seu show no Morumbi, e, sim, a bolsa de estudos do cursinho

CPFAP. Renato queria muito continuar a estudar depois de terminado o colegial, mas teve que parar porque perdera o emprego. Agora, trabalhando como auxiliar de vendas da Siderúrgica Aparecida, ele vai, numa boa, pres-

tar vestibular para Agronomia.

Você que não teve sua biografia escolhida, sorria. Os 128 inscritos no concurso ganharam do CPFAP uma bolsa de estudos parcial como prêmio de consolação. Parabéns a todos. E vamos ao Queen.

A explosão ensurdecedora faz trepidar o cenário. A luz eclode e as quatrocentas lâmpadas são levantadas, formando um gigantesco e uniforme teto luminoso que oferece uma surpreendente visão alucinante entre a fumaça em movimento e, somente depois que a fumaça começa a dissipar-se e os espectadores se refazem da surpresa inicial, é que surge, límpida e majestosa, a música. Esta é a abertura de "Um entardecer com o Queen", o show que o conjunto elaborou para a sua turnê internacional, quando apresentou o álbum Jazz. Isso foi em 1978, pois a história do grupo começa em 1970 na "Mother of Rock" — Londres, Inglaterra, quando o guitarrista Brian May (nascido a 19 de julho de 1947) e Roger Taylor (Roger Meddows Taylor, baterista, vocalista, compositor e letrista, que nasceu a 26 de julho de 1946) dissolve-

Em 1972, após centenas de circuitos de clubes, os rapazes do Queen gravam uma fita caseira e começam a percorrer as gravadoras. A melhor oferta foi da EMI, que assinou contrato com os músicos e logo mandou-os para estúdio. No ano seguinte, o LP Queen era lançado no mercado inglês. Mesmo pulverizado pela crítica musical o LP obteve razoável aceitação do público, destacando-se os hits "Liar" e "Keep Yourself Alive". Nessa mesma época, o Queen excursionou como atração secundária em shows do Mott the Hoople. O Queen já começava a mostrar às platéias todo o seu potencial de energia e talento. No início de 1974, lançam o LP Queen II e o grupo já era atração principal dos shows, atraindo platéias cada vez mais numerosas e entusiasmadas. Apesar disso, a crítica musical inglesa mais uma vez foi impiedosa classificando o LP de simples imitação do The Who e do Led Zeppelin habilmente disfarçado. Apesar disso, o público responde classificando o disco em 30.º lugar nas paradas. Até hoje, os

conciliou o sucesso popular com os tão esperados elogios da crítica: A Night At the Opera, álbum que leva o mesmo título de um filme dos Irmãos Marx, considerado um dos LPs mais importantes do rock nos anos 70. Este álbum mostra o Queen já maduro em seu estilo, realizando uma mistura de rock básico, vaudeville e trechos de ópera. Este álbum traz o hit "You're My Best Friend" e o estrondoso sucesso da faixa "Bohemian Rhapsody", que liderou as paradas inglesas durante 10 semanas no primeiro posto, deixando o Queen como um dos supergrupos da atualidade, e um dos maiores vendedores de discos do mundo.

Em 1976, editaram A Day At the Races, igualmente título de um filme dos Irmãos Marx, onde se destaca o hit "Somebody To Love". Ainda em 76, lançam News Of The World, destaque para "We Are The Champions" e "Spread Your Wings". No sétimo álbum-Jazz, lançado entre julho e outubro de 1978, suas canções foram compostas em uma escola de dança que o grupo utilizou como local de ensaio em Montreux, Suíça, durante o Festival de Jazz realizado nessa cidade. Esse álbum vem acompanhado de um poster no qual 55 garotas correm de bicicleta, só de shorts... Pois é, a corrida aconteceu mesmo, no estádio londrino de Wimbeldon, e foi organizada especialmente para a foto, e custou, nada mais, nada menos, que 15 mil dólares, a mais cara fotografia que já se fez para um álbum de rock. Inclusive, essa carreira de bicicletas foi usada para promover o com-

pacto simples Bicycle Race, inspirada pelo Tour de France, a competição de ciclismo mais famosa do mundo, cujo itinerário inclui a cidade de Montreux, na Suíça, onde o grupo estava gravando o álbum Jazz.

Entre janeiro e março de 1979, o grupo Queen lança um duplo ao vivo — Queen Live Killers, material tirado de todas as fases anteriores do grupo desde 1973, numa versão 79, durante a excursão do grupo pela Europa. No início de 1980 é lançado The Game, o nono álbum do Queen e o melhor até agora, que alcançou os primeiros lugares no ranking mundial com os sucessos de "Play The Game", "Save Me", "Another One Bites The Dust" e "Crazy Little Thing Called Love", este último em tributo a Elvis Pres-

ley. Este disco traz um Queen novo: jaquetas de couro e com cabelos curtos (com exceção de Brian May) refletindo a poderosa influência New Wave na Inglaterra. Outra novidade que traz esse álbum é o primeiro disco em que a banda usa sintetizadores, - no caso um Oberheim OBX. Ainda em 1980 eles foram convidados por Dino di Laurentis para compor a trilha sonora do filme "Flash Gordon", a primeira experiência dos carinhos no campo da trilha sonora.

Este grupo da quarta geração britânica reinstala o bom-humor e a alegria há muito ausentes no rock. E agora o Queen vem aí, vem de verdade fazer uma excursão pela América Latina. Chegam no fim de fevereiro via Buenos Aires, Argentina, depois

dão um pulinho aqui no Rio de Janeiro pra passar os dois últimos dias do carnaval, a maior festa popular brasileira, depois retornam à Argentina onde dão shows em Rosário e Mar del Plata. Logo, logo dois aviões carregados com quase cem toneladas de som e luz estarão sobrevoando Porto Alegre (NR: o show em P. Alegre foi cancelado à última hora), depois São Paulo, dia 20 de março, às 21h no Morumbi e no Rio de Janeiro no Maracanã. Atrás virá outro avião trazendo os donos de todo esse milionário equipamento: Freddie Mercury, Brian May, Roger Taylor e John Deacon, os componentes do atualmente "maior conjunto de rock do mundo, we are the champions, my friends".

Renato A. de Carvalho

O L'Auberge Anuncia Boas Notícias para os Fãs da Comida Caseira Libanesa

No L'Auberge você experimenta os mais famosos pratos da genuína comida libanesa e é recebido com a inconfundível hospitalidade e o padrão de serviços L'Auberge. De 2.^a a 6.^a oferecemos Almoço Executivo e diariamente o delicioso Jantar Típico Libanês completo, onde o doce e o cafezinho estão incluídos no preço. E por falar nisso, olha aí outra boa notícia do L'Auberge.

L'Auberge

L'Auberge restaurante típico libanês / bebidas nacionais e importadas / fácil estacionamento / música ambiente.

Rua Pamplona, 1084 - Fones: 289-9754/285-6657

ram o grupo em que tocavam, o Smile, chamando o vocalista Freddie Mercury (vocalista, bailarino, comediante e pianista eventual, atual líder do grupo, e que nasceu a 5 de setembro de 1946) para formar uma nova banda. Em fevereiro de 1971, após recrutarem John Deacon (baixista, compositor e letrista, nascido a 19 de agosto de 1951) num pub de segunda categoria, tem-se a formação do grupo que permanece o mesmo até hoje.

músicos do Queen guardam uma grande mágoa dos jornalistas ingleses, recusando-se a dar entrevistas.

Após isso, o grupo fez uma pequena excursão aos EUA e ao Japão, quando Brian May adoeceu e o grupo precisou cancelar o resto da excursão e voltar. Logo em seguida vem o LP Sheer Heart Attack (1974, feito durante a recuperação de May). Mas tudo bem, em 1975 o Queen lançou o LP que finalmente

Arrigo Barnabé, 2.º tempo.

Na edição passada, o revolucionário da música no Brasil falou sobre o começo de sua vida. De onde veio, onde estudou e explicou o que é o dodecafonismo. Nesta edição, Arrigo fala da Banda Sabor de Veneno, de sua passagem pela ECA — Escola de Comunicação e Arte — da USP, da sua origem musical, da sua primeira aparição em público. Ele fala pacas. Leia.

Canja - Como tem sido sua receptividade nas rádios?

Arrigo Barnabé - O pessoal não toca. Toca na Eldorado, na Cultura. Eu soube, inclusive, que a gente tava em 3.º lugar na votação da Bandeirantes dos "Melhores do Ano" e os caras não tocam a gente.

C - E depois do Festival da Cultura, mudou muito?

AB - Ah, sim. Arrumei emprego de professor...

C - Voltando, você saiu da FAU, foi pra ECA...

AB - Já tinha "Clara", "Sabor de Veneno" quando entrei na ECA, em 74. Em 75 fui para o Departamento de Música. Quando fui fazer uma coisa lá no Departamento de Música, o maestro Olivier Toni (atual chefe do Departamento) perguntou pra mim o concerto de piano — não sei qual o concerto de Chamber — qual é o ópus. E responde: "Você não sabe nada de música, você é um ignorante." Lá quase parei de fazer música, me dei mal. Em 71 o Tonelli me mandou trazer dos EUA, por uma amiga dele, um disco do Stockhausen que tinha a "Canção do Adolescente", que era a coisa mais importante que ele tinha feito e veio um disco também para flauta e piano e tinha coisa do Matsudaira, japonês fazendo isso a gente achava demais. Luigi Nono, isso a gente escutava lá em Londres. Tipo autodidata. Não dava pra falar isso pro Olivier. Você fala, ele te ridiculariza. "Violão não é instrumento." Fiquei um ano. Comecei a fazer Departamento de Música com o Willy Correa de Oliveira, de posição bem paternalista. O que aprendi com ele foi sobre História da Música. O Cozzela, é impossível falar com ele. Levei uma fita pro Duprat que tinha o "Clara", em 74, e ele dis-



foto Flávio Galéia

se: "Você tem alguma coisa pra dizer, tem uma informação pra dar." O Duprat foi uma surpresa, ele me tratou bem. Minha música é nova porque não tem parentesco com nada, nesse sentido. Tem gente que tem trabalho que eu considero novo. O Itamar, a Tetê, o Grupo Um. Na ECA convivi com o Biafra. Sai da escola, teve aquela greve, larguei pra montar um conjunto, o "Navalha". Era o Itamar cantando, na guitarra, eu no piano, o Paulinho na bateria e o Tonelli no baixo. Chegamos até a comprar aparelhagem, "vamos pra Europa". Não fizemos uma apresentação. Voltei pra ECA, acabou o conjunto e a primeira pessoa que me deu uma força foi o Caio Pagano, porque o pessoal me ridicularizava. Toquei um negócio no piano e ele viu que eu tocava muito melhor que muita gente que botava panca. Aí ele falou "vou te botar numa turma melhor". Aí eu pensei: acho que eu tenho alguma chance. Era o tempo todo pensando em não conseguir, insegurança constante. Ele achava interessante o que eu fazia, aí finalmente eu pude mostrar pra ele meus trabalhos de música popular, e ele gostou. Pô, mas quem na sensibilidade depois de 3 anos de ECA... eu lembro que fiz um trabalho de rádio, que era um trabalho ambiental. Ele deu como tema, compor uma música para três rádios. Então eu peguei na sala de aula e vedei tudo, ficou tudo escuro, eu tinha assistido aquela bailarina, a Juliana, vocês

devem se lembrar, e ela tinha me desbundado. Então, a sala toda escura e se entrava com uma lanterna. À sua esquerda tinha um sujeito sentado com oclinhos, deste do tipo de cego, blusão de couro. Do lado dele tinha um banco um pouco mais alto com uma gaiola, e dentro da gaiola um rádio sintonizado, e ele estava com um terço, rezando. Fazendo uma linha reta com ele, à sua frente tinha uma espécie de cumбуca, cheia de ração para animais e dois patinhos vivos e outro rádio ligado em estática. Então ficava aquele barulho dos patinhos piando e o rádio em estática. E à tua esquerda tinha uma mulher morena, de preto, descalça, encostada na parede. Na hora que a pessoa entrava na sala, a mulher virava, ia até uma mesa, pegava um rádio, punha no ouvido, ligava e começava a virar o dial e fazendo expressões com o rosto. A gente tinha feito um certo laboratório, então ela passava da expressão de criança para a de puta, para débil mental, para mãe de família, pra santa. Quando chegava no final do dial ela voltava e repetia as expressões, colocava o rádio em cima da mesa e voltava pro lugar que estava. Quer dizer, a pessoa que entrava com a lanterna nunca via tudo de uma vez. Ela escutava uma porção de coisas. Então fiz esse trabalho e o cara se interessou e gostou. Aí deu uma segunda proposta que era fazer música com o rasgar de uma folha de jornal. O Bozo tava na minha turma — o

Arrigo Barnabé

Bozo é o tecladista da Banda Sabor de Veneno, hoje — O Bozo fez um trabalho lindo, pegou uma folha de jornal, molhou e rasgou, quer dizer, não deu som nenhum. E comecei pensando em fazer — porque não tem sentido fazer uma partitura de um cara rasgando uma folha de jornal — eu pensei em provocar... a primeira coisa que eu pensei foi embrulhar a vitrola com um jornal que tem na sala, então o Willy ia ter que rasgar o jornal pra poder dar a aula, e aí a música. Aí eu pensei nisso, e comecei a pensar, por que não embrulhar o piano também? Bom, dessa idéia eu embrulhei a sala inteira. Ficou tudo embrulhado, deu o maior trabalho. Fiz duas paredes falsas...

C - Ficou uma verdadeira sinfonia...

AB - ...e mais oito atores, todos embrulhados em jornal, 4 atrás de cada uma das paredes falsas. Peguei uma página do Estadão onde estava es-

crito "Vanguarda musical em crise não convence" e escrevi em cima "como embrulhar pessoas", um trabalho experimental dedicado ao maestro Olivier Toni. Peguei essa folha de jornal, rasguei e coleí na porta, pelo lado de fora, e ficou então tudo completamente vedado. Aí disse pro pessoal pra entrar na sala, quando ele entrassem o tema seria apresentado. Eles abriram a porta, e era só barulho de jornal rasgando. O espaço estava falseado pelas duas paredes falsas. Tinha combinado com os atores que, quando eles entrassem, eles deveriam começar a se mexer. E ficou então aquele barulho de jornal sendo rasgado... e o som crescendo, crescendo, até uma mão dá um soco numa das paredes falsas e sai uma mão de jornal. Aí outra mão, e outra e saem várias mãos, aí, me inspirei naquele quadro do Príncipe Valente, famoso, aquele que tem as mãos enquanto ele vai

descendo para o calabouço, com as chaves e aquele monte de mãos... Aí os caras vão saindo, todos embrulhados em jornal e vão rasgando o jornal e começam a embrulhar os caras que estão assistindo. E faltou até jornal pra embrulhar (risadas)... Mas eu tinha dado a seguinte instrução, se os caras deixassem se embrulhar, era pra embrulhá-los todinhos, e se alguém reagisse e não se deixasse embrulhar, os atores deveriam desembulhar os outros atores. Mas mesmo assim, todo mundo deixou-se embrulhar. Fiz esse trabalho e depois fiz um outro de metalinguagem, e fiz uma coisa em cima de pássaros. Comecei com o "Pássaro Profeta" do Shulmann. Era só citação de pássaros. Ao Hitchcock... e terminava, com uma idéia do Paulinho com "Tico Tico no Fubá". Aí, nesse dia, para mostrar o trabalho sobre os pássaros, tive que mostrar o "Samba

Dodecafônico" que eu tinha feito, e daí eu mostrei todo meu trabalho com o dodecafonismo. Eu queria mostrar que tinha sido uma coisa natural, aí nesse dia ele me respeitou.

C - Foi aí que a ECA te aceitou...

AB - A ECA não, o Willy, porque o Toni continuou me hostilizando...

C - E hoje?

AB - Hoje eu tenho que ir lá fazer minha matrícula pra poder nadar...

C - Mas você tem também alguma coisa com o tonal, né?

AB - Tenho. Tem uma que toquei no programa "Ponto de Encontro" da TV Cultura. Tenho uma música chamada "Londrina" que é uma valsa, que já toquei no Funarte. No Paulicéia Desvairada também.

C - Você pretende continuar nessa alternativa atonal?

AB - Pretendo...

C - Mas não vai abandonar a música tonal?

AB - Não, não de jeito nenhum. Fiz também o "Tamarana" com meu irmão, que a Tetê gravou, que é uma coisa tonal, né? Tamarana é um lugar perto de Londrina, onde meu avô tinha um sítio, a gente ia passar umas fé-

rias. E tem também a "Ibiporã", que é uma cidadezinha que passa antes de se chegar em Londrina. Agora estou fazendo "Maravilha", que é uma outra cidade perto de Londrina. Tem uma outra música que a Eliana Estevão gravou, com letra do Sérgio Guardado e eu fiz a 1.ª e a 2.ª parte da música, que é uma guarânia, e a Tetê fez a 3.ª parte.

C - E seu gosto sobre o Orlando Silva, Pixinguinha. A gente já se conhece, eu sei, mas é bom falar um pouco sobre isso.

AB - Você quer ver, quando eu comecei a me interessar por música eu sempre pensava, quem sabe um dia eu consigo ser compositor, e eu achava que tinha que conhecer tudo, tudo! Eu tinha que entender o passado. Tinha coisa que eu botava na vitrola que não gostava. Mas eu tinha que entender, até sacar, entender a estética, saber porque ele era interessante, importante. Aí, eu comecei a conhecer e comecei a me apaixonar. Sabe como é, né? Você começa a conhecer, você começa a se apaixonar, saca! É muito bonito, os caras são muito

bons. Aí você começa a entender a inteligência, a criação, que é fruto da inteligência, que é a sensibilidade, a inspiração, tudo junto. Então eu tenho essa ligação.

C - Orlando Silva?

AB - É. Orlando Silva é o cantor que eu mais gosto. Orlando Silva é um cara que canta baixinho... pô, não sei, é o jeito como ele faz as frases, não sei explicar... e a espontaneidade do cara. Ele é como o Pelé...

C - Melhor que o Caetano?

AB - Pô, melhor? Pergunta pro Caetano. Longe. Orlando Silva dá pra você comparar com o Mário Reis, e João Gilberto. Que são caras que estão lá em cima, estão acima. Tem também o Caetano, que eu coloco junto com o Paulinho da Viola, como cantor, junto com o Cartola como cantor. Sabe, tem outro cantor que pouca gente conhece que é o Vassourinha, um paulista, que morreu com 18 anos de idade, e ninguém conhece esse cara. Cantava bem pra cacete.

C - Você acha que seu trabalho é continuação dessa coisa?

AB - Acho que é continuação da Tropicália. Se

a Tropicália é uma continuação disso, é possível que eu me veja assim. Por exemplo, a valsa "Londrina" tenta ser uma continuação daquele tipo de canção, dentro daquele tipo formal. Você vê o tipo de canção que o pessoal faz hoje. Você vê que é um tipo de canção malfeita. A maior parte do pessoal faz canção malfeita. Você ouve Cartola, por exemplo, Custódio Mesquita... você escuta Geraldo Pereira, Assis Valente. Os caras faziam coisas muito bemfeitas...

C - E sobre os novos rumos da Música Popular Brasileira, o Tati...

AB - Eu acho que eles se prendem muito naquele negócio da entoação, e não é só isso, acho que tem mais elementos.

C - Agora, bicho, uma coisa um pouco diferente. Como é que você formou a Banda Sabor de Veneno?

AB - Foi assim, bicho, foi no Festival da TV Cultura. A gente tava montando um grupo. Foi a Regina Porto, meu irmão na bateria, o Itamar eu já tinha chamado pro baixo. Bom, aí classificou, e eu dei a base do baixo pra eles, pro Paulinho e pro Itamar Assumpção, que

já vinham fazendo um trabalho de base. O Bozo sempre me curtiu, desde que eu o conheci lá na ECA, ele curtiu. O Bozo chamou o pessoal que tocava no conjunto de baile dele, e fizemos o Festival. E desde aí ficamos com o pessoal da Sabor de Veneno. Aí, teve um tipo de problema assim... um problema grande. Eu dava uma entrevista, e eu falava de um tipo de pessoas, assim, falava do Itamar, por exemplo, falava do nome dos músicos que tocavam comigo, e o nome deles não saía na matéria. Então os caras começaram a falar: "Pô, o Arrigo, só ele que sai na matéria..."

C - Mas o processo é sempre esse...

AB - Então, soube que o pessoal de São Bernardo ficou meio magoado comigo, então eu destranseei esse lance. E depois chamei o Bocatto que não quis transar, participar. Eu senti que eles estavam mesmo bronqueados. Aí eu quase destranseei a Banda, por causa de coisas desse tipo. Bom, depois disso foi o Félix tocar comigo, o Azael. Aí aconteceu o seguinte: o Robinson veio de Londrina, alugou

uma casa com um quarto nos fundos onde desse pra gente ensaiar, porque ele já estava começando a pensar nisso. Ele já estava a fim de produzir o disco "Clara Crocodilo". Bom, mas aí pinta a história da Polygram, que no fim acabou nos fazendo uma proposta ridícula. Eles queriam me dar cem mil cruzeiros pra pagar os músicos, e 60 horas de estúdio, e a capa...

C - Só 60 horas de estúdio?!

AB - É. Quase que eu perguntei pra eles, vai ser um compacto? Mas, aí eles queriam fazer a capa do MPBC (NR.: Música Popular Brasileira Contemporânea, uma série da Polygram de músicos pouco conhecidos), enrolaram 3 meses. Me enrolaram tudo. Isso foi depois da Tupi...

C - Aí você já era um nome nacional... odiado nacionalmente...

AB - É... aí eu pensei em começar a fazer a Banda. Vamos armar pro Festival de Jazz de 78, a gente tinha que tocar lá de qualquer forma, porque senão a gente não ia conseguir fazer a Banda, e não adiantava tocar pra nada... Então ficamos na maior fissura. O Robinson ia todo dia lá na Cultura transar nossa apresentação. Eu lembro que eu levei um disco pro David... fiquei puto da vida... o David nem ouviu o disco, bicho. E depois eu soube pelo Muylaert, que se não fosse pelo David eu não ia tocar...

C - Mas peraí... não foi bem assim...

AB - Que é isso bicho? Eu levei o disco pro David, ele nem ouviu... O Zuza me chamou lá na Jovem Pan, e me disse assim: "Olha, você vê bem o que você vai fazer, porque a gente tem um pessoal muito bom lá, a Orquestra Azul, a Divina Increnca, você veja bem o que você vai fazer, hein?" Porra, eu fiquei puto da vida...

C - Eu tinha ouvido o seu som uma vez só, que foi



assine
Canja.

assine
Canja.

assine
Canja.

assine
Canja.

assine
Canja.

Fala, Arrigo!

no Festival na Cultura, e eu realmente não tinha noção. E aí quando pintou o Festival, o David disse "põe o Arrigo" e daí me perguntaram o que eu achava. Eu disse "é uma coisa gratuita", mas eu não tinha ouvido, percebido o seu som. Aí, a gente foi ouvir o seu som. Daí, ganhou, saca?

AB - Depois que o Zuza ouviu o som, ele gostou, ficou numa boa. Eu descobri que foi ele que fez a última entrevista com o Orlando Silva (risadas...) aí já criou uma ligação, assim... ele adorou, agora elogia. Mas então tinha Suzana e a Vera cantando, porque eu não ia contar com a Neusa, que estava em Londrina. Chamei a Tetê para participar do show...

C - E a Neusa onde está?

AB - Ela tá em Londrina.. Ela canta pra caralho, mas tá com um problema de voz, um problema sério. Talvez tenha que ser operada. Eu acho que é um negócio meio psicológico...

C - O que é meio comum entre os cantores...

AB - Aí, o Bozo chamou o pessoal. O Itamar não podia mais ser porque estava fazendo o trabalho dele, e baixo é um negócio que não dá pra substituir, ainda mais na minha música, né? Aí o Bozo trouxe o Otavinho e o Baldo, que é sax alto, que já saiu da Banda; a Suzana trouxe o Xico Guedes, que trouxe o Mané. O Renato, um amigo meu, me apresentou o Roney, o trombonista da orquestra. O Rogério já tinha tocado com a gente no Festival da Cultura, é percussionista. O 1º guitarrista

que tocou com a gente foi o Biafra. Bom, mas aí mudou. O Biafra não podia continuar mais e entrou o Gilson na guitarra. Aí a Vânia saiu porque pintou uma transa do Fábio Jr. pagando bem, e a Vânia achou interessante pra carreira dela fazer backing vocal com o Fábio Jr. Eu achei uma besteira muito grande, um absurdo. Mas foi uma escolha dela, e inclusive ela disse que gostava tanto de lá quanto daqui. Que quando ela estava lá, ela não tinha vontade de sair de lá, e quando estava aqui não tinha vontade de sair da gente. Tudo bem... Tá falado. Aí chamei a Tuca, que já tinha visto cantar no Ponto Brasil, e chamei o Dudu, que toca xilofone, eu estava a fim de um xilofone, eu queria um cara que tivesse uma formação mais erudita, e ele toca na Orquestra Sinfônica Jovem. Aí a Suzana foi viajar, foi pra Europa. O Félix saiu da Banda, ele tem o trabalho dele, ele é um gênio. Além dele tocar piano bem pra cacete, ele toca sax, clarinete, vibrafone e tem 19 anos. O Baldo saiu também, por causa de grana. Aí ficou o Mané e reduzi pra 4 sopros e entrou um trompete, o Farias. E deu um naipe mais legal e aí ficou a Banda.

C - Corre um certo papo por aí, que a Ariola teria te convidado pra assinar contrato com eles e você pediu mais que o Chico Buarque?

AB - Não, nunca, nem nunca tive nenhum contato com a Ariola. Além da Polygram, que eu já contei a história, um carinha da Warner me pro-

curou eu dei uma fita pra ele, mas eles acharam que não era comercial. O cara da Independente é que me veio falar sobre a Ariola, que estava a fim de me oferecer 2 bi, e tal. E eu ri. E rio mesmo se o cara vier me falar isso (risadas). Olha, pra eu entrar pra uma gravadora, tenho que ter tranquilidade pro resto da minha vida, tenho que ter uma grana que me dê tranquilidade, senão não entro mesmo. Se não me derem muito dinheiro, mas muito dinheiro, eu não entro mesmo...

C - Mas você vai querer um contrato vitalício?

AB - Não. Tem de ser uma grana boa mesmo. Não entro, não faço a menor questão. Se eles me derem 5 bi, e se eu vender 5 mil discos, eu ganho 5 bi. Por exemplo, o Boca Livre vendeu quase 100 mil discos, independentes. Olha, nós já estamos na segunda prensagem, já vendemos 3 mil e estamos na segunda prensagem.

C - Você já pagou a produção do disco?

AB - Olha, o Robinson é que produziu e esse papo é com ele...

C - É que a capa do disco "Clara Crocodilo" é muito cara...

C - Como foi a história da produção do seu disco?

AB - Olha, o Robinson se formou engenheiro e sempre achava que tinha que ter uma infra, uma grana. Ele lá em Londrina, mandou ver. Montou uma construtora e levantou a grana, e se mandou pra São Paulo, com mulher e dois filhos, conseguiu um capital razoável. Quando pintou o Festival ele veio e deu o maior trampo. A gente ia

fazer um compacto com a música "Sabor de Veneno" que ia vender pra cacete, mas foi na época que pintou a jogada da Polygram que nos enrolou e perdemos a chance. Mas o Robinson veio pra São Paulo, meio às cegas, alugou uma casa e perdeu quase meio ano de sua intimidade, por-

pós-graduação na Poli. Ele é um cara assim, meio acima da média, muito inteligente. Ele fez o ITA. Ele foi praticamente o meu primeiro mestre... o segundo foi o "Balanço da Bossa".

C - Bicho, deixa eu fazer uma pergunta mais geral: o que acontece com as pessoas que ouvem o

achava que tinha gente que ia adorar, ia ficar curtindo e tinha gente que não ia entender nada.

C - Pra você ter uma idéia, outro dia eu estava numa festa na McCann Ericsson, essas festas de fim de ano, sabe? E o sambão tava comendo rasgado — inclusive isso



que a gente ensaiava num quarto da casa dele, 15 caras. E aí, depois do show no Pixinguinha a gente entrou com o disco.

C - E da sua turma de Londrina. O seu irmão toca com você, o Robinson tá produzindo, e o Tonelli?

AB - O Tonelli é fotógrafo. O Mário Lúcio fez

teu som? Do palco, você vendo as pessoas?

AB - Eu acho que a impressão que tenho é a de pasmo, as pessoas ficam meio pasmadas.

C - O que você achava que ia acontecer?

C - Ou você quer ser um pop star?

AB - Que é isso, bicho? (risadas). Eu não sei, para mim é tão normal, eu

não tem nada a ver, mas encosta um cara do meu lado, e todo mundo sambando, e ele sussurra no meu ouvido: "É nessas horas que quem curte Arrigo Barnabé se fode." (risadas).

C - Acho que a gente ainda não chegou a falar sobre a impressão da cidade de "São Paulo" pro Arrigo, não São Paulo a

Não marque. Você só tem até o dia 15 de março para se inscrever no Concurso Fotográfico Canja. FOTOPTICA

13 a 26 de março

Quinzenal de Música

16

Canja.

ECA, mas São Paulo cidade, com seus drive-ins, os flipperamas, a Av. São João, essa loucura que é a cidade. O que causou em você. Sabe, a gente nota na sua música um fascínio de São Paulo...

AB - Eu fiquei bobo quando cheguei aqui. Quando eu cheguei fui morar na Liberdade. Eu vim com o Paulinho, meu irmão. Aí, pegamos um táxi na Rodoviária e, pela primeira vez em São Paulo, o motorista estava com o rádio ligado num programa que era mais ou menos assim: "e o japonês implorou, ele pediu misericórdia, misericórdia..."

C - Era o Gil Gomes?

AB - Não, era um cara muito melhor que o Gil Gomes. (risadas) ... Bem, lá na pensão eu ia a pé pra qualquer lugar. Ia até a Praça da Sé que tinha uma estátua de São Pedro que me deixava bobo, esculpida num tronco de madeira...

C - Com a reforma, a estação do metrô, eles tiraram a estátua...

AB - Pastelaria, um monte delas, tomar caldo de cana, passar pelo viaduto do Chá, Teatro Municipal. Quantas vezes eu vim a pé do Municipal até a pensão...

C - Quando você chegou aqui você já tinha alguma composição?

AB - Não, não tinha nada.

C - Quer dizer que São Paulo tem alguma influência sobre seu trabalho?

AB - Tem, sempre teve porque as informações que a gente recebia, lá em Londrina, vinham daqui de São Paulo. Tomar contato com os movimentos de literatura, artes plásticas...

C - E o teu jeito de cantar, a fala, você desenvolveu isso com?

AB - Tem essa transação do Gil Gomes e também que eu me lembro mais é da Janis Joplin. Até antes de ver o filme dela, eu não a curti muito, curti assim, numas. Bi-

cho, depois que eu assisti o filme, eu chorei. Aí, um dia de Ano Novo, a gente tava lá fazendo um som, todo mundo louco, aí eu comecei a cantar umas coisas desse jeito, e foi saindo fácil, sabe? E tenho facilidade pra improvisar, falando ou ritmicamente e aí comecei a desenvolver o swing. A independência, por exemplo, na minha música, tem uma coisa numa mão e outra na outra. E isso foi uma coisa que tive que lutar pra conseguir. E lutei dentro do ônibus, batendo assim com uma mão e de outra forma com a outra, tirando um som. Pra quem, como eu era pato, não tinha facilidade nenhuma, foi um negócio assim... e isso eu aprendi muito com o Itamar e com o meu irmão, porque o swing dos dois é um banho.

C - Quem são as pessoas que você considera novas na música?

AB - Eu acho o Itamar Assumpção, Tetê, que é um jeito de cantar novo, que ninguém fez, ela canta de um jeito especial, com um sentimento especial. Ela é a afinação que eu nunca vi. Olha, pode pôr qualquer cantora brasileira pra cantar o "Jaguarte" que eu quero ver. Vai rebolar pra afinar, ou então "A Canção dos Vagalumes". Tem outra cantora que eu também acho incrível que é a Eliana Estevão, excelente cantora. Nesse último disco dela tem uma música minha e da Tetê. Além disso, tem o Paçoca, que é um grande cantor, e eu inclusive gostaria que ele gravasse comigo. E ele tem composições que eu acho novas. Mais quem, deixa eu ver... a Divina Encarnação, o Guga, um cara novo que pintou...

C - E o Pé Ante Pé?

AB - Não sei, acho que... é um grupo novo, né? Tão fazendo coisas competentes, mas ainda não

senti uma proposta do grupo. Tem também o Premeditando o Breque. E deve ter mais gente por aí que a gente não sabe. O Guga, pra voltar um pouco, é um cara que conheci em Piracicaba. O Nelson Motta assistiu ao meu show lá no dia em que o Guga se apresentou, e achou ótimo.

C - E o seu trabalho no Rio de Janeiro, como é que está?

AB - No Rio nós estamos tentando fazer no Noites Cariocas...

C - Que é coirmã da Paulicéia Desvairada...

AB - É...

C - Você não sente, vou chegar mais longe até,

eu fico mal. Chego lá e pô à vontade, sabe essas coisas? Pô bicho, um grama custa uma fortuna e tem dia que eu não tenho grana pra pegar um ônibus! Aqui, o pessoal sem grana pra comer, e o cara lá nadando em grana...

C - Igual o Koellreuter, que não suportava o Rio e foi morar em Teresópolis. Isso sem falar na Zona Norte...

AB - É, eu curto muito a Zona Norte. Fiquei 15 dias em Olaria em 70 e curti pra cacete. Mas agora, o Rio é uma cidade linda, mas estão destruindo. Eu estive lá, na casa do Paulinho da Vio-

lembrei do Cartola, e nem falei nada porque ele deve sentir tanto...

C - A gente, no começo da entrevista, tava falando do seu trabalho, mas e a continuidade dele?

AB - Eu acho que esse disco em si já basta, sabe? Não preciso fazer mais nada. É uma semente que vai crescer. Em si.

C - Você acha que as pessoas vão pegar, vão passar a trabalhar em cima?

AB - Acho, não só por minha causa, mas também porque têm coisas florescendo independente de mim. Eu tenho idéia de fazer no TUCA um show reunindo essas pessoas.

ram a gente, expulsaram a gente. E tinha pessoas que perguntavam assim: "Mas será que ninguém vai fazer nada?" (risadas). Aí, eles expulsaram a gente do palco e começaram a tocar. Eles terminaram, nós entramos e os expulsamos. Então, sabe, são coisas que dá pra gente fazer assim. Outro exemplo, eu mandei uma fita pro Festival da Globo, o MPB-81, o "Papai não gostou" e o Paçoca gravou uns trechos de vocal. Quer dizer, é um cara que aparentemente não tem nada a ver, mas na cabeça dele tem que ver. Se essa idéia minha se concre-



uma certa discriminação, os trabalhos lá são mais assim divulgados pelo Brasil?

AB - É. O Rio é um lugar de luxo. A impressão que eu tenho do Rio é assim. Na época que eu estive lá, vi que o pessoal, os artistas, gente que está feita na vida, está meio acomodada e

la, pra levar um meu disco pra ele. Eu adoro o Paulinho. Ele tinha acabado de se levantar e tava com um pouco de pressa. E ele começou a me contar como era o Botafogo, o bairro onde ele nasceu. Ele começou a contar e começou a se emocionar, e eu também me emocionei, e aí me

Nós fizemos um show lá junto com o Premeditando o Breque. Nós entramos todos de presidiários, e o Premê todos vestidos de policiais. Entraram pela platéia pedindo pra todo mundo apagar os cigarros e o povo achando que era polícia mesmo. E subiram no palco e espanca-

tizar, vou chamar o Itamar Assumpção, a gente, o Premeditando o Breque, Tetê, Passoca e o Guga. Um show assim, pra começar às 4 da tarde e terminar à meia-noite. Com intervenções de um grupo no outro, coisas do tipo.

C - Mas, voltando pra sua continuidade...

Nélson Aires
Roberto Sion
Amílson Godoy

curso de MPB
inscrições até 20/março
informações 241-3416

13 a 26 de março

Quinzenal de Música 17 **Canja.**



AB - É bicho, estou tendo um problema de tempo, não só o tempo espacial mas tempo psicológico, porque pra compor tenho que sair pelas ruas ou ficar em casa compondo, tocando o tempo inteiro. E estou há mais de um ano sem poder fazer isso, que era a minha rotina. Essa música que estou trabalhando em cima agora, a "Papai não gostou", é sobre os travestis, que aqui em São Paulo não têm tanta repressão assim, mas no Interior... Eu me lembro em Londrina que era amigo do Carlinhos, que hoje é travesti. Mas na época ele era afeminado. Sabe como é, não jogava bola, não brigava, e eu era amigo dele. E sair na rua com ele era barra pesada. E tinha aqueles papos "o Arrigo tá comendo ele". Eu lembro de coisas assim, o cara chegava no cinema chamava o Carlinhos e falava assim: "Olha, vamos sair que eu quero te bater", sem motivo nenhum. Era discriminação, da pesada, mesmo. E tem outro caso, que o cara não era homossexual, nem afeminado. Mas ele resolveu tocar piano. Aí o pai dele chegou e disse: "Filho meu não toca piano. Quem toca piano é viado", e pôs ele pra lutar judô (risadas). Tirou do piano e pôs no judô... (NR: A letra de "Papai não gostou" não pode ser publicada por causa dos regulamentos do MPB-81.)

C - Muita gente muda de opinião sobre você depois de assistir ao seu show. Por que isso?

AB - Por que? Talvez porque entendam melhor a intenção... mas no disco acho que se compreendem melhor as coisas...

C - E política, você tem alguma transa com isso?

AB - Eu queria entender melhor de política. Tenho uma preocupação em entendê-la. Queria votar, por exemplo. Queria participar do processo político brasileiro. Tenho um amigo da Convergência Socialista, que é um cara que eu confio...

C - Mas tem algum envolvimento...

AB - Olha, acho que música é música, jingle é jingle. Jingle pode ser pra vender um produto como vender uma ideologia, e eu faço música.

C - E o Hermeto Paschoal, ele conhece o seu trabalho?

AB - O Hermeto é gênio, mas acho que ele não es-

cutou o meu disco ainda. Perto do Hermeto eu me sinto como uma mosquinha assim. Mas ele é um instrumentista, e eu sou compositor.

C - Eu acho que se um dia a História da Música Brasileira for escrita, o Hermeto vai passar como uma espécie de Bach. Eu acho que ele influenciou todo mundo, os arranjos...

AB - Ah! Mas os arranjos do Duprat também fascinavam a gente, hein? O Júlio Medaglia... O Cozela...

C - Outro papo, o que o Arrigo pode sofrer é a mesma coisa que a Tropicália sofreu, aquele pessoalzinho sentado pra assistir ao show do "É Proibido Proibir", em 68, o pessoal da USP, estava com aquele preconceito de forma e espaço e preocupados com o que eu chamo de Vandrelismo, ou seja, querendo saber de Geraldo Vandré falar o que eles queriam ouvir, coisa panfletária. E não viram isso, quebraram vidros, ou seja, participaram, de uma forma ou de outra, da Tropicália. Eu tenho um pouco de receio da sua música ser recebida assim também.

AB - O público da gente é praticamente universitário. Temos tido muita receptividade na universidade. Inclusive a crítica também se sente de certa forma preocupada. Pinta um treco novo a crítica já diz "perá, não vamos falar mal". Pinta um cara ruim, e o cara fala bem. E tem mais, duvido que um cara que conheça a minha música e ao ver um luminoso de fliperama não se lembre de mim, do meu trabalho. Uma vez eu dei uma entrevista pra TV Cultura, no programa "Ponto de Encontro", e eles inclusive cortaram esse trecho, mas era o seguinte: "Mas escuta, o que um sujeito que tem 15 anos vai escutar? Chico Buarque?" Eu lembro do "Disco Branco", eu ouvi Caetano cantando "Carolina" e acho que aí comecei a entender o que é cultura, sabe? O jeito como o cara descobriu como a música deveria ser cantada, o que ela significava pro Brasil. E eu fiquei besta. Depois veio "Não Identificado", depois "Chuvas de Verão" e eu então sentia uma vontade de fazer música, sabe...

C - E achando que ja-

AB - É, jamais...

C - Mas você não falou nada do seu lado pessoal. Casado? Solteiro?

AB - Solteiro...

C - Só quero te perguntar mais um negócio: O que é mais importante para a formação do músico brasileiro?

AB - O que eu acho mais importante é conhecer, conhecer, conhecer. Conhecer a Música Popular Brasileira, conhecer as letras, os compositores, conhecer a história da

MPB e saber ler e escrever.

C - O Arrigo, você tem algum recado pra dar pros leitores? Algo assim, compre o Canja e o Lp "Clara Crocodilo"?

AB - É, isso aí é um bom recado. O disco você pode pedir pelo telefone 814-0320.

Nesse instante o telefone do Canja tocou. Era para dar a informação que o Lula havia sido condenado a 3 anos de prisão.

AB - Puta, que absurdo!

Aqui, o depoimento de todos da Banda Sabor de Veneno.



Rogério Bernatti (Rogério), percussão.

Autodidata. Toca na Banda do Canecão. "Tocar com o Arrigo e na Banda é tudo que me satisfaz. Nenhum show se compara com o dele."

Otávio Sialho, (Otavinho), baixo.

Estudou no CLAM. Atualmente está fazendo a Escola Municipal e Música na UNESP. Tocou com o grupo Pé Ante Pé. "Tocar com o Arrigo Barnabé e na Banda Sabor de Veneno é um puta trabalho. É um movimento incrível que tá pintando e participar disso é incrível."



Francisco Marciano (Xico Guedes), sax tenor.

Estudou na Escola Pró-Arte, com Hector Costita, Roberto Sion, e na Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Toca também no grupo Pé Ante Pé. "Tocar com o Arrigo e na Banda Sabor de Veneno no começo era muita informação nova e muito emocionante pela linguagem e pelo envolvimento que tem com o público. Requer um sério trabalho e fazer um arranjo muito grande."



assine
Canja.

Quinzenal de Música
18

Canja.



Eliana Fernandez (Tuca), vocal.

Faz UNESP, Mosartteu, Escola Municipal de Música, Faap e aulas particulares de Canto e Dança. Toca num quarteto de cordas — música erudita, em orquestra e se apresenta em bares, sozinha. "Estar com o Arrigo e na Banda, musicalmente falando, é um aprendizado muito grande, porque a técnica de composição que ele usa é muito difícil para o canto e para a viola também."

Manoel Silveira (Mané), sax baixo.

Começou a estudar com Roberto Sion. Fez curso de harmonia com Hector Costita. Teoria com Cláudio Leal Ferreira e flauta com Grace Anderson, que é da Sinfônica Municipal. Toca com o Pé Ante Pé e no grupo Aquatro, de jazz. "Tocar com o Arrigo e na Banda tem sido uma experiência muito boa, porque é tocar o que você não está acostumado a tocar. Só tem me enriquecido na parte instrumental."



Suzana Maria Salles (Suzana), vocal.

Autodidata, foi convidada para cantar com Ita-

mar Assumpção. "Cantar com o Arrigo e na Banda é estar participando de um momento musical importante demais, e delirante."



Paulo Estevan Barnabé (Paulinho), bateria.

Estudou pouco em escolas, mas fez piano, bateria e violão. Vai acompa-

nhar o Itamar Assumpção na bateria por algum tempo. "Tocar com o Arrigo e na Banda Sabor de Veneno é uma pesquisa de som, sempre procurando."



Elcio Barretti (Bôzo), teclados.

Está no último ano de Composição na USP, parte teórica, mas tocar em bailes foi a sua verdadeira escola. Toca também no quarteto Aquatro, de jazz. "Tocar com

o Arrigo e na Banda Sabor é uma experiência com reações de platéia. O novo causa impacto. É imprevisível, já que as reações são várias. Tocar com o Arrigo é uma esperança de que muita coisa nova será ouvida daqui pra frente."

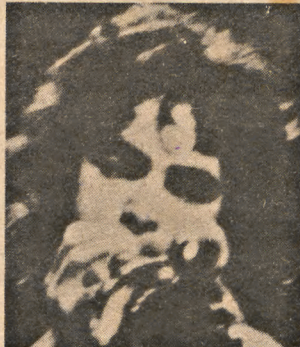


Roney Carlos Zivan Stela (Roney), trombone.

Formação erudita. Começou a estudar em 1977 na Escola Municipal de Música. Toca também na Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo. "Tocar com o Arrigo e na Banda Sabor de Veneno é uma coisa boa que a gente tem tesão de tocar."

Gílson A. Leme (Gílson), guitarra.

Estudou três anos em conservatório, dois anos na Fundação das Artes de São Caetano. Autodidata. Toca em bares e faz trilhas sonoras para filmes. "Tocar com o Arrigo e na Banda Sabor de Veneno é uma loucura. É bom, além de poder desenvolver como músico e pelo prazer de tocar."



Luís Carlos Farias (Farias), trompete.

Estudou em Conservatório, fez o curso completo que são 7 anos. Tocou com a Elis Regina no ano passado no Canecão do Rio, com o conjunto Ponte Aérea fazendo a trilha sonora da novela Rosa Baiana. "Tocar com o Arrigo e na Banda é uma experiência muito importante para um instrumentista. É um trabalho muito forte."



Terezinha Maria Espindola (Tetê), vocal.

Autodidata, iniciou sua carreira com o Lirio Selvagem, lançando o Lp Tetê e o Lirio Selvagem. Atualmente segue carreira individual, já tendo lançado o Lp Piraretã e um compacto simples. Ainda este ano deve lançar o seu segundo Lp.

"Tocar e cantar com o Arrigo Barnabé e Banda Sabor de Veneno é uma experiência riquíssima em termos de som. Principalmente ritmo, ao contrário do meu trabalho que é individual. É uma parte que eu tenho que descobri com eles. O trabalho com Arrigo também tem muito a ver com a transa de teatro."

assine
Canja.

Portinari Villa-Lobos Carlos Gomes Procópio Ferreira

Deles recebemos uma inestimável herança, patrimônio maior das artes plásticas, música e teatro. Adultos e crianças, todos podem sentir a emoção que é viver com arte.

Marcelo Tupinambá

Faculdade "Marcelo Tupinambá"
Rec. pelo Decreto 74.710/74
Cursos oferecidos:
Artes Cênicas, Artes Plásticas,
Desenho, Música,
Educação Artística I e II Grau
Bacharelado em Instrumento

Conservatório "Marcelo Tupinambá" - "oficializado"
Cursos: Piano, Órgão, Violão, Violino,
Violoncelo, Flauta doce e transversal.
Cursos Modernos: Órgão, Piano, Jazz, Violão.
Composição - Regência - Harmonia - Contraponto -
Prática de Arranjos - Artes Plásticas - Desenho -
Pintura - Mosaico.

Cursos Especializados para crianças

Inscrições e informações:

Rua Vergueiro, 2.087 - Vila Mariana (Metrô Ana Rosa) - Fones: 549-6899/544-3997 - SP

Quinzenal de Música

19 **Canja.**

Queen



O maior conjunto
de rock do mundo

SÃO PAULO ★ RIO DE JANEIRO

EXCLUSIVIDADE EMI-ODEON



PROGRAMAÇÃO VISUAL: GUSTAVO CAIO / ROSA MARIA